



MR 002. A emergência da vida na antropologia: relações com a técnica, a biologia e os STS

Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Coordenador/a, Marianne Lien (Universidade de Oslo) - Participante, Perig Pitrou (CNRS e EHESS - França) - Participante, Stelio Marras (IEB - USP) - Participante, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Debatedor/a

A vida e outros termos associados têm recebido cada vez mais centralidade da antropologia desde a virada do século, sinalizando o intento de ampliar ou transpor de forma sistemática suas fronteiras disciplinares. Tal fenômeno é observado tanto no plano dos recentes investimentos etnográficos (dos micróbios às domésticas, passando pela nova genética), quanto na forma de propostas de alternativas conceituais visando contornar os dilemas da oposição natureza e cultura e a segregação epistemológica entre ciências da vida e ciências sociais. Este movimento duplo - novos temas etnográficos e novos conceitos antropológicos - tem mobilizado sobretudo as zonas de interface da antropologia com outros campos, a exemplo das próprias vertentes da biologia (ecologia, etologia, semiótica etc.), dos estudos sobre ciência e tecnologia, da psicologia ecológica e das perspectivas antropológicas sobre a técnica, dentre outros. Há neste movimento ao menos dois tipos de questões fundamentais. A primeira se refere a como incorporar ao fazer antropológico métodos e conceitos oriundos de outras tradições de pensamento; o segundo são os impactos disto para a própria concepção do que é o humano e, portanto, dos contornos, preceitos e modos de fazer da antropologia. Esta mesa pretende investigar diversas facetas deste movimento recente e significativo na antropologia, buscando discutir sobre sua diversidade, potencialidade e limites.

A espreita animal

Autoria: Stelio Marras

Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser fundamentalmente à espreita?, diz Gilles Deleuze quando incitado a dissertar sobre o animal em seu Abecedário. Definir o animal pela postura da espreita parece, à primeira vista e para dizer o menos, definição nada ortodoxa e, por isso, algo vaga e pouco compreensível. Contudo, nem bem naturalista e nem bem animista, mas talvez na transversal desses modos de identificação, a aposta aqui é a de que tal definição se esclarece, ganha corpo e pertinência quando agora a vida emerge no centro das preocupações de certa antropologia contemporânea. Esta comunicação propõe-se a meditar sobre essa definição apenas aparentemente obscura e busca daí extrair consequências diante dos constrangimentos ecológicos e civilizacionais da atualidade.

When STS meet Amerindian Ethnology. The Definition of Life From the Standpoint of the Anthropology of Technique

Autoria: Perig Pitrou

Research done in the field of STS has shown that cultural contexts play an important role in humans' outlook on life and to their relationships to the living. But until now there has been an insufficient effort to articulate this field with the growing number of ethnological works which investigate understandings of life found in traditional societies. My presentation proposes showing how the ethnology of Amerindian societies can contribute to the definition of life. While engaging comparisons between Amerindian societies, the goal is to shed light on understandings of life associated with biotechnologies. The aim is then to explore the complexity of what life is through investigations into the diversity of technologies, traditional and modern,



that humans invent to interact with living beings.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

